

CÍRCULOS FORMATIVOS DE EDUCAÇÃO E PESQUISA COM ÊNFASE NAS RELAÇÕES ETNICORRACIAIS: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Aline Oliveira Ramos¹

Resumo: Este texto tem o objetivo de relatar a experiência do grupo de estudos Círculos Formativos de Educação e Pesquisa-CFEP. O objetivo dos Círculos é contribuir para a formação em pesquisa de orientandos (as) dos cursos de licenciaturas da UNEB – Campus XII, e de professores (as) da Educação Básica, de maneira a fomentar a produção do conhecimento científico, tendo por centralidade a discussão das temáticas relacionadas ao campo da educação, currículo, raça, práticas pedagógicas e relações etnicorraciais. A abordagem metodológica é qualitativa. Os Círculos tiveram início em 2019, no formato de grupo de estudos, os encontros ocorriam semanalmente, das 14h às 18h, com um quantitativo de dezenove (19) encontros. Os resultados obtidos foram: aprofundamento teórico em torno das categorias e objeto de estudo, desenvolvimento da escrita acadêmica, qualificação dos projetos de pesquisas, produção dos trabalhos de conclusão de curso-TCC e o estreitamento do diálogo entre educação básica e universidade. Concluímos que a proposta dos Círculos impactou na formação de estudantes e professores pesquisadores (as) e contribuiu para fortalecer os vínculos entre a educação básica e universidade.

Palavras-chave: Círculos Formativos. Relações etnicorraciais. Educação Básica. Grupo de Estudos.

Introdução

A proposta dos Círculos Formativos de Educação e Pesquisa-CFEP surgiu de uma inquietação no processo de tornar-se orientadora, esta nova experiência levou-me a uma busca pelo aprofundamento de algumas temáticas e pela busca de métodos para melhor direcionamento dos processos de orientação. Desse modo, optou-se pela criação de um grupo de estudos, com uma proposta metodológica de círculos formativos. A proposta foi planejada e construída de modo colaborativo, com encontros semanais, às terças-feiras, das 14h às 18h, tendo a natureza de estudo e orientação coletiva e individual.

O grupo de estudos contemplou todos os orientandos, em distintas fases da pesquisa acadêmica, e agregou profissionais da educação básica, que tinham interesse na ampliação das discussões propostas. O objetivo geral do grupo é contribuir para a formação em pesquisa de orientandos (as) dos cursos de licenciaturas da UNEB – Campus XII, e de professores (as) da

¹ Mestra em Educação pela Universidade do Sudoeste da Bahia-UESB; Doutoranda em Educação pela Faculdade de Educação da UFMG; Professora Substituta no Departamento de Educação- DEDC XII/UNEB – Pesquisadora do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire (NEPE/UNEB). E-mail: llineramos@hotmail.com



Educação Básica, de maneira a fomentar a produção do conhecimento científico, tendo por centralidade a discussão das temáticas relacionadas ao campo da educação, currículo, raça, práticas pedagógicas e relações etnicorraciais.

A proposta viabilizou momentos de diálogo sobre a pesquisa científica na atualidade e suas implicações para a construção de pesquisas em educação, buscou conhecer as diferentes metodologias/ métodos de pesquisa, dispositivos de análise e sua aplicabilidade nas ciências humanas e fomentou o estudo e diálogo sobre as temáticas e categorias que emergiram das ações de pesquisa do grupo, de maneira a possibilitar o aprofundamento teórico e a consequente consolidação do conhecimento.

Buscou estabelecer momentos de partilha das pesquisas desenvolvidas pelos participantes do grupo, de forma a contribuir para o amadurecimento da escrita científica. O grupo é formado majoritariamente por mulheres negras. Ressalto que a presença da maioria de membros que se autodeclaravam negros, impôs uma dinâmica diferente ao grupo.

Nesse sentido, a maior parte das discussões tinha foco nas questões raciais, incluindo os relatos de experiência de racismo e outras formas de preconceito, dentro e fora do âmbito acadêmico. Os/as participantes dos Círculos Formativos sentiam-se pertencentes àquele grupo e essa identificação proporcionou um momento de troca de experiências, além da construção de uma rede colaborativa e afetiva.

Um caminho e vários desafios

Os Círculos Formativos de Educação e Pesquisa – CFEP, foram realizados com a participação de orientandos (as) e professores (as) da Educação Básica. Os mesmos ocorrerão semanalmente, das 14h às 18h, no Departamento de Educação – Campus XII, no decorrer do semestre 2019.2. Para isso, estabelecemos o quantitativo de 19 encontros, o que perfaz uma carga horária total de 76 horas com disponibilidade de certificação.

O grupo tinha um total de vinte e dois (22) membros, sendo quatro (4) professoras da educação básica do município de Guanambi. Oito (08) discentes do 4º semestre de pedagogia, sendo, sete (7) do noturno e um (1) do matutino. Uma (1) discente do curso de educação física, 7º semestre. Sete (7) discentes matriculadas na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso-TCC, cinco (5) do noturno e duas (2) discentes, matutino. Uma (1) assistente social do município de Guanambi e um (1) discente do Programa de Pós-Graduação em Ensino,



Linguagem e Sociedade (PPGELS) do Departamento de Ciências Humanas (Campus VI) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), estes dois últimos eram ouvintes e colaboradores.

Estes círculos possibilitaram o estudo das temáticas relacionadas à educação, currículo, práticas pedagógicas e relações etnicorraciais, buscando o aprofundamento teórico em torno das categorias que circundam essas temáticas e priorizando os objetos evidenciados nos projetos de pesquisa. A partir dessas discussões visamos promover o desenvolvimento da escrita acadêmica, a qualificação dos projetos de pesquisa, o fomento a publicação em anais e revistas científicas, bem como o reconhecimento das práticas curriculares e pedagógicas desenvolvidas pelos (as) professores (as) da Educação Básica, suas implicações para a produção acadêmica na Universidade e para construção de estratégias/ações para a oferta de uma educação de qualidade.

A realização dos encontros teve por prioridade o estabelecimento de momentos de diálogos, discussões e reflexões, para isso, em cada encontro realizamos, num primeiro momento, uma atividade mística, com a finalidade de iniciar a problematização da temática a ser abordada. Cada círculo se estruturará em torno da realização de momentos de exposição, partilha das pesquisas científicas desenvolvidas pelos (as) participantes do grupo e pesquisadores (as) convidados(as); leituras e debates de textos e documentários previamente selecionados; construção de artigos científicos para publicação; realização de dinâmicas; exposição de atividades exitosas desenvolvidas pelos(as) docentes da Educação Básica, planejamento para a realização de mesas redondas e / ou seminários para publicização das ações de pesquisas desenvolvidas pelo grupo.

Foi construído um cronograma de orientações individuais que alcançava de modo específico as discentes matriculadas no componente de TCC, neste caso a demanda de orientação era intensa e por isso fazíamos uma divisão nas terças-feiras. Assim se organizava, de 14h às 16h orientações e estudos coletivos e das 16h às 18h seguia o cronograma das orientações individuais, na escala de prioridades estava as orientandas que iriam defender em breve, considerando aquele contexto.

Um outro ponto importante e que impactou no prosseguimento do grupo de estudos, foi o contexto pandêmico de 2020. Durante todo o ano de 2020, não conseguimos nos reunir, apenas dialogávamos nas redes sociais. Desse modo, apenas as orientações individuais foram de fato contínuas. Retomamos os encontros de modo virtual, no mês de maio de 2021 e com

um número menor de participantes, pois oito (8) orientandas defenderam o Trabalho de Conclusão de Curso entre 2020 e 2021.

O quadro a seguir tem o intuito de demonstrar um esquema dos trajetos que foram percorridos para a realização dos Círculos Formativos de Educação e Pesquisa – CFEP. Ressaltamos que no trajeto ocorreram alterações, isto porque o processo formativo do sujeito ocorre de forma interativa e colaborativa, visto que todos os sujeitos construtores são construtoras de conhecimentos e saberes.

Tabela 1. Panorama dos encontros

| Círculos | Objetivos | Ações | Referencial Teórico |
|----------|--|---|--|
| 1. | a) Recepcionar os (as) participantes dos Círculos de Formação em Educação e Pesquisa – CFEP; b) Apresentar o plano de trabalho aos participantes; c) Conhecer os projetos de pesquisa dos (as) orientandos (as); d) Realizar orientação com os (as) estudantes. | a) Momento místico para a recepção do grupo; b) Exposição do plano do plano de trabalho; c) Socialização pelos (as) orientandos (as) do tema, objeto e objetivos das pesquisas científicas a serem desenvolvidas; d) Apresentação da proposta de trabalho para o próximo encontro e escolha dos responsáveis por conduzir a discussão; e) Orientação de duas pesquisas. | FERNANDES, Florestan. A integração do negro na sociedade de classe . 2008. |
| 2. | a) Socializar dos resultados da pesquisa de mestrado “Narrativas (auto)biográficas e formação de Professores da pesquisa” de autoria Jackeline Silva Cardoso b) Dialogar sobre as leituras do texto “O mito da democracia Racial” do autor Florestan Fernandes; d) Realizar orientação com os (as) estudantes. | a) Momento místico para a recepção do grupo; b) Apresentação da pesquisa “Narrativas (auto)biográficas e formação de Professores da pesquisa” c) Diálogo sobre o texto “O mito da Democracia Racial”; d) Apresentação da proposta de trabalho para o próximo encontro e escolha dos responsáveis por conduzir a discussão; e) Orientação de duas pesquisas. | FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido . Rio de Janeiro. |
| 3. | a) Apresentação do modelo de projeto conforme a plataforma Brasil | Momento místico; Apresentação da... Discursão da pedagogia oprimido; Orientação. | GOMES, Nilma Lino. A mulher negra que vi de perto . –Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995. |
| 4 | Apresentação do modelo de projeto conforme a plataforma Brasil Discursão sobre a justificativa do projeto | Momento místico; Discursão sobre a obra; Apresentação das justificativas Orientação | JESUS, Rodrigo Ednilson de. Reafirmando Direitos: Trajetórias de Estudantes Cotistas Negros(as) no Ensino Superior Brasileiro . (Org.) - Belo Horizonte: Ações afirmativas no Ensino Superior, 2019 |

Rede de diálogos entre estudantes, professores e colaboradores

Este grupo de estudos construiu uma rede de afetos, o encontro era para além do processo formativo acadêmico, aquele era o espaço de relato de experiências e muitas vezes relatos íntimos. As discentes negras sentiam-se acolhidas e encontravam nos encontros um meio de estreitar os laços e dividir as angústias, não só do processo da escrita do projeto de pesquisa, mas dos desafios de ser negra/o em um espaço tão exigente como a universidade.

O processo da experiência pode ser melhor compreendido no trecho abaixo.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, olhar mais devagar, escutar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2015, p. 25).

Desse modo, a experiência é construída pela abertura ao novo e é vivenciada de modo diferente por cada indivíduo. Outro aspecto era a figura da orientadora negra, essa identificação era visível, os discentes se identificam com a professora e demarcavam em suas falas. Desse modo, compreendemos que “não há outro caminho senão o da prática de uma pedagogia humanizadora, em que a liderança revolucionária, em lugar de se sobrepor aos oprimidos e continuar mantendo-os como quase “coisas”, com eles estabeleça uma relação dialógica permanente” (FREIRE, 2005, p.63).

Diante da possibilidade de fazer este registro presencialmente, solicitei ao grupo de estudo, via WhatsApp que fizessem por escrito ou por meio de um áudio, o relato do que representou participar do grupo de estudo: Círculos formativos, que carinhosamente foi “intitulado” de **Terças Orientadoras**, fazendo menção ao dia da semana e a natureza do



encontro. Dez pessoas responderam a minha indagação, sendo que apenas três enviaram o áudio e/ou o texto, considerei os enviados dentro do tempo, para apresentar neste relato de experiência.

Diante disso, apresento os relatos, identificando se é orientando ou orientanda, quando forem mulheres do mesmo semestre usarei a letra (A) para a primeira e a letra (B) para a segunda, o semestre que estava, quando do início do grupo, o turno e ano do relato que é 2021. Faço o recuo do texto, com espaçamento simples, e o coloco em itálico para identificar a fala dos membros do grupo, apresento abaixo o texto completo e seleciono alguns pontos para análise e discussão abaixo:

Ela foi uma formação importante e muito significativa, foi formado um grupo com pessoas com interesse em comum e outras que queriam saber mais. Dentro da Universidade a gente já tinha um aparato para discutir a questão central que era o nosso trabalho, o trabalho pedagógico que envolve a educação com a questão do sentido mais amplo, questão das relações raciais, as discussões que ali tiveram foram importante demais, cada pessoa trazia um relato, um estudo e a gente formava um sentido, um argumento. A gente refletia sobre aquelas questões que estavam ligadas implicitamente explicitamente nas nossas vidas. Todo mundo ali tinha uma história pra contar, a respeito de todas as discussões, é então assim, aquele ambiente foi se formando, um sentido de conforto, era um momento assim que todo mundo podia fala, todo mundo tinha sua liberdades. Por que o interesse ali já era meio que interligado, então a gente não se perdia de vista, e algumas relações, alguns acontecimentos até individual não era tão individual assim, um momento que um colega viveu, foi relatado eu, pude perceber que já tinha passado por aquilo, o colega da frente também, uma outra colega também, pois presenciou, foram questões levantadas, importantíssimas para ser trabalhada, se deixar despercebido a gente está negando o que está acontecendo com a gente, muitos momentos ali era de cura, de trabalho psicológico, que a maravilhosa professora [...], fazia a mentoria, discutia, fazia a gente pensar, levantava indagações, a gente junto buscava a gente buscava solução para aquilo que estava acontecendo, assim as terças orientadoras é um projeto maravilhoso e que não pode parar não, tem que está continuando ai, com todo o pulso possível, ali a gente tinha a professora mestre, tinha professora e coordenadora de outra instituição que adentrou pro projeto, pessoas que já estavam se formando, no curso de pedagogia, outras de vários semestres numa só intenção e a gente trabalhou variadas questões com teoria, estudos mais aprofundados, teve teóricos para está dialogando com a gente em sala de aula, a dente estava ali por que a gente queria, a gente tem o interesse na temáticas, a gente quer discutir, debater, está junto. A gente se sentia bem de estar fazendo parte. (Orientanda - A/4ºsemestre/noturno,2021).

Este relato é uma fotografia afetiva e coerente das ações e do alcance do grupo de estudos: Círculos Formativos. Neste sentido convido Freire (2005, p.58) para nos reafirmar que “somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua convivência com o regime opressor”. A escolha desse pensamento é para reafirmar o que está dito na entrelinhas do relato acima.

O relato fala de pertencimento e encontros e com o processo de escuta, essa identificação impacta pontos subjetivos que só os próprios sujeitos são capazes de descrever, um segundo relato que recebi via rede social,

Resumindo, essa forma de se orientar, de forma coletiva, é muito importante. Por que a gente tem oportunidade, de observar outros trabalhos, que tem uma temática, vamos dizer parecida com a da gente e a gente vê muitas dúvidas, que a gente tem nosso. A gente aprende com os outros, aprende com os erros dos outros, sem levar em consideração que é uma troca muito grande, falando de experiência que a gente já vivenciou e acho que contribui muito para o trabalho do outro. Fazer parte da população negra e se sentir contemplada. Não só as questões raciais mais outras discussões que entra em questão, por exemplo assuntos acadêmicos, acho muito importante. Acho importante as discussões nas Terças orientadoras, agrega também questões pessoais, a gente discute vivência, experiência e a metodologia do trabalho que nos ajuda. (Orientanda-B/4º semestre/noturno,2021)

O segundo relato nos revela a transversalidade da proposta e faz emergir pontos importantes, ressalta a importância de se aprender no coletivo e como a socialização do trabalho do outro, reflete nas ações futuras dos demais. A abertura para as indagações, os aprofundamentos e as trocas se fizeram presentes no processo.

Neste sentido conclamo o pensamento de Freire (2005, p.59) sobre “o diálogo crítico e libertador, por isto mesmo que supõe a ação, tem de ser feito com os oprimidos, qualquer que seja o grau em que esteja a luta por sua libertação” e é com o enlace do relato da Orientanda-B e o pensamento de Freire (2005) que posso contemplar um pouco do alcance do grupo de estudo.

Tomando os estudos de Gomes (2012) para registra o conceito de população negra que é “aquela composta por pessoas que se autodeclaram pretas e pardas, de acordo com as categorias de cor do IBGE, as quais se encontram em situação de profunda desigualdade em comparação ao segmento branco”. O terceiro relato de experiência,

É bem difícil definir o terças orientadoras em palavras, foi lá que eu tive o prazer de começar a trilhar a minha carreira como pesquisador, foi lá onde eu pude ver e ter mais contato com a pesquisa científica e para além das coisas da academia, tinha bastante afeto, era onde a gente compartilhava experiências de vida, dores sofridas, lutas travadas e etc. Compreender conceitos como por exemplo, étnico-racial. Quero que muitas outras pessoas tenha oportunidade de participar do terças, é extremamente prazeroso e construtivo, muitas coisas que eu sei e que eu ainda estou aprendendo devo ao Terças e a professora [...]. Gratidão sempre.(Orientando/4º semestre/matutino, 2021).

Este terceiro relato nos mostra a presença do afeto nas relações estabelecidas no grupo de estudo, o sentimento de gratidão pela história construída, o desejo da continuidade e o apontamento da necessidade que outros sujeitos/as sejam alcançados pela proposta do grupo.

Desse modo, não poderia deixar de invocar o pensamento de Freire (2005, p.94) “Se a fé nos homens é um dado a priori do diálogo, a confiança se instaura com ele. A confiança vai fazendo os sujeitos dialógicos cada vez mais companheiros na pronúncia do mundo” e é neste apontamento de possibilidades que se pode acreditar no importante papel de projetos como o apresentado.

Vale registrar o significado de um dos termos que emerge da fala do orientando, ao se referir ao segmento negro, neste sentido Gomes, (2012, p.25) diz que “alguns intelectuais utilizam às vezes o termo “étnico- racial”, demonstrando que estão considerando multiplicidade de dimensões e questões que envolvem a história, a cultura e a vida dos negros no Brasil”.

Conclusão

A experiência em coordenar um grupo de estudos como os Círculos Formativos de Educação e pesquisa revela os inúmeros aprendizados, possibilita uma formação em processo, as inquietações nos mobilizam para construir novas pontes. Retomo a argumentação de experiência para demarcar, o sentido que desejo expressar,

A palavra experiência tem o ex de exterior, de estrangeiro, de exílio, de estranho e também o ex de existência. A experiência é a passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento, mas que simplesmente “ex-iste” de uma forma sempre singular, finita, imanente, contingente (LARROSA, 2015, p. 27).

Desse modo, afirmo que a experiência dos orientandos, era motivada pelas relações estabelecidas e principalmente pelo sentimento de pertencimento, assim retomo um dos relatos que diz “foi uma formação importante e muito significativa, foi formado um grupo com pessoas com interesse em comum e outras que queriam saber mais” (Orientanda -A/4º semestre/noturno, 2021).

Os círculos formativos viabilizaram encontros e aprofundamento intelectual, muitos também foram os desafios, o contato com o grupo apontou as várias lacunas que a educação básica deixou no processo de escolarização dos estudantes e revela as barreiras que precisam ser transpostas para uma inserção de fato no campo acadêmico. Dos diversos elementos que são imprescindíveis, com certeza, a construção da política do afeto é urgente.

Por fim, acredito que foi possível, neste relato de experiência, dimensionar um pouco do grupo de estudos, mostrar o processo de identificação apontado pelos discentes, a importância do estudo coletivo e colaborativo e afeto como proposta possível dentro do campo acadêmico.

Referências Bibliográficas

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 2005.

GOMES, Nilma Lino. As práticas pedagógicas com as relações étnico-raciais nas escolas públicas: desafios e perspectivas In: **Práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva da Lei nº 10.639/03**. (org) Nilma Lino Gomes. 1. ed. –Brasília: MEC; Unesco, 2012.

LARROSA, Jorge. **Tremores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.